

AVALIAÇÃO DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL PELOS DOCENTES DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS*

Leandro Silva DE PAULA[√]

RESUMO

A presente pesquisa tem como intuito investigar a opinião dos docentes que atuaram nos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Goiás em 2020 acerca do trabalho desenvolvido por eles na modalidade de ensino remoto emergencial, durante o primeiro ano de Pandemia de Covid-19. Os dados obtidos por esta pesquisa foram originados a partir da avaliação realizada em novembro de 2020 pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFG que possuía como intuito analisar a situação do ensino remoto emergencial (ERE) e o seu impacto na pós-graduação. Após análise dos dados, constatou-se que apesar do ensino remoto ter demonstrado com clareza as desigualdades profundas existentes na educação brasileira, para o momento de isolamento social que vivemos o ERE se tornou uma opção aprovada pela maioria dos docentes investigados. Além disso, constatou-se que, em relação ao uso das Tecnologias Digitais de informação (TDICs), foi um momento de aumento pela demanda por cursos de capacitação para uso das novas tecnologias e que os docentes tiveram menos dificuldades com as ferramentas que eles já lidavam antes da pandemia.

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial. Docência no Ensino Superior. Pós-Graduação.

1 INTRODUÇÃO

No final de 2019 e início de 2020, a pandemia de Covid-19 e o consequente estado de quarentena instaurou um período de insegurança para toda população mundial. Nos vimos diante do desafio de conter o avanço do vírus e nos colocarmos em distanciamento social, como tentativa de protegermos uns aos outros e

* Artigo recebido em 11/03/2023 e aprovado em 16/04/2023.

[√] Doutor em História da Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: leandroufop204@yahoo.com.br

evitarmos novas contaminações. No Brasil, o isolamento social foi estabelecido pela Portaria Nº 356, de 11 de março de 2020, amparado pela “Declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional”, pela Organização Mundial da Saúde, em 30 de janeiro de 2020, em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus (COVID-19). Dessa forma, o isolamento social se estendeu para o ambiente escolar que teve suas aulas suspensas em todos os níveis de escolaridade, interrompendo temporariamente as atividades desenvolvidas até mesmo nos cursos de pós-graduação em todo território nacional.

Ao refletir sobre o impacto da pandemia sobre as universidades públicas, Magalhães, Silva e Paula (2021) afirmam que as instituições de ensino tiveram que se adaptar a uma nova modalidade de ensino (o remoto emergencial), readaptando o calendário acadêmico e pensando em uma nova forma de exercer a docência. Segundo Araujo (2020, p. 2), o início da pandemia exigiu esforços persistentes dos professores a se adaptarem a uma “educação mediada por tecnologias digitais no ambiente universitário” e a adoção de ambientes virtuais como alternativas aos encontros presenciais. Alude Pachiega e Milani:

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO (2020), a crise provocada pela Covid-19 causou a suspensão das aulas em escolas e universidades, afetando mais de 90 por cento dos alunos do mundo. Nesse momento, as formas de trabalho do docente e das instituições educacionais foram sendo revistas, renovadas, alteradas e, sobretudo, repensadas sob a ótica dos padrões até então praticados (Pachiega; Milani, 2020. p 2).

A legitimação da modalidade de ensino remoto emergencial na Universidade Federal de Goiás (UFG) foi aprovada depois de inúmeros debates. No âmbito da UFG houve as seguintes deliberações do Conselho Universitário (CONSUNI¹): Resolução CONSUNI n. 33/2020 que franqueou as regras do Regulamento Geral dos Cursos de Graduação -RGCG, aprovado pela Resolução CEPEC Nº 1557, de 1º/12/2017, e a Resolução CONSUNI n. 34/2020 que dispunha sobre procedimentos relativos a todas as atividades escolares da educação básica e acadêmicas da

¹ Instruções Normativas | PROGRAD - Pró-Reitoria de Graduação, Universidade Federal de Goiás.

Disponível em:

<https://sistemas.ufg.br/consultas_publicas/resolucoes/arquivos/Resolucao_CONSUNI_2020_0034.pdf> Acesso em: 23 out. 2020.

graduação no modo de ensino remoto (Magalhães, Silva e Paula, 2021). Segundo Araujo (2020), as normativas desenvolvidas no âmbito do Ministério da Educação (MEC) garantiram a continuidade do trabalho acadêmico nas universidades, além de:

[...] desempenharam um papel fundamental neste contexto de excepcionalidade, pois criaram salas de aula virtuais para espaços curriculares de forma a [...] continuidade à formação na graduação e pós-graduação e nas instâncias oferecidas formação por meio de webinars ou cursos que visem a formação pedagógica e tecnológica capaz de sustentar a adaptação de propostas didáticas a ambientes virtuais de ensino e aprendizagem (Araujo, 2020, p. 2).

Com a implantação do ensino remoto emergencial várias questões começaram a preocupar os docentes que atuavam na graduação e na pós-graduação: a exclusão e a desigualdade de oportunidades para os discentes em condições de carência, dificuldades relativas ao uso de recursos tecnológicos para desenvolver o ensino remoto, a questão da impossibilidade de conectividade ou do acesso à internet, flexibilização dos horários das aulas, atrasos nos prazos de entrega dos trabalhos de conclusão de curso, redefinição de novas metodologias de ensino, necessidade da realização de trabalhos coletivos e interdisciplinares, e criação de uma nova sistematização dos processos avaliativos (atividades assíncronas, seminários etc.).

Sendo assim, a presente pesquisa tem como intuito investigar a opinião dos docentes que atuaram nos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Goiás em 2020 acerca do trabalho desenvolvido por eles na modalidade de ensino remoto emergencial, durante o primeiro ano de Pandemia de Covid-19. Os dados obtidos por esta pesquisa foram originados a partir da avaliação realizada pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFG que possuía como intuito analisar a situação do ensino remoto emergencial e o seu impacto na pós-graduação. Foram quantificadas as respostas de trezentos e cinquenta e um (351) docentes que atuaram nos programas de pós-graduação da UFG, sendo que trezentos e trinta e sete (337) estavam vinculados aos cursos de mestrado e doutorado *stricto sensu* e apenas quatorze (14) em especializações *lato sensu*. Diante dos dados alcançados pelo levantamento realizado em novembro de 2020, os percentuais foram calculados em relação ao quantitativo de respostas obtidas nos formulários, e não do total de docentes credenciados existentes na universidade. Logo, as respostas fornecidas pelos 351 professores que participaram do estudo serão consideradas um universo fechado para a nossa investigação.

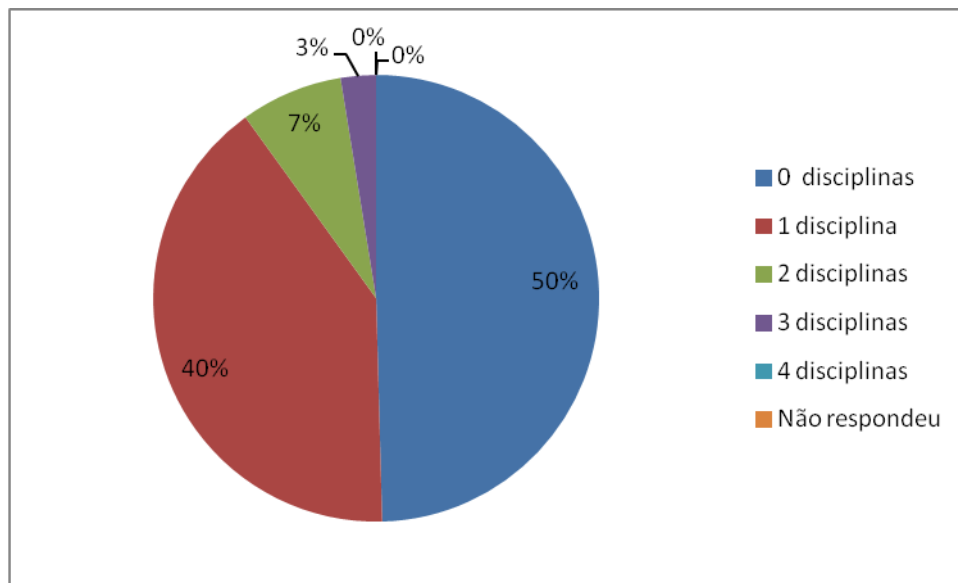
2 ENSINO REMOTO, DOCÊNCIA E PÓS-GRADUAÇÃO

A atuação docente no ensino superior é caracterizada pela multiplicidade de tarefas. Lemos (2011) aponta aspectos contraditórios dessa profissão autônoma que forma cidadãos críticos: formação desarticulada com as demandas exigidas dentro do sistema universitário, precarização dos serviços, redução do tempo destinado ao lazer, adoecimento docente e sobrecarga de trabalho.

O termo docência tem sido tradicionalmente usado para expressar o trabalho do professor, mas existe um conjunto de funções que ultrapassam o exercício da docência. As funções formativas convencionais, como ter um bom conhecimento sobre sua matéria e saber explicá-la, foram se tornando mais complexas. Com o passar dos tempos e com o surgimento de novas condições de trabalho – massificação dos estudantes, divisão de conteúdos, incorporação de novas tecnologias, associação do trabalho em sala de aula com o acompanhamento do aprendizado em empresas –, as funções docentes passaram por um processo de ampliação e complexificação. Hoje, oficialmente, as universidades públicas atribuem aos professores quatro funções: o ensino, a pesquisa, a administração e a extensão (Lemos, 2011, p. 107-108).

O objetivo desta pesquisa é analisar a opinião dos docentes dos cursos de pós-graduação sobre o impacto do ensino remoto em suas atividades desenvolvidas no ano de 2020. Em relação ao ensino, por exemplo, ao serem questionados sobre a quantidade de disciplinas que ministraram durante o primeiro ano de pandemia de Covid-19 no Brasil, chama atenção nas respostas dos docentes a porção significativa de professores que não lecionaram aulas nos cursos de pós-graduação. Vale destacar que o isolamento social imposto a partir do mês de março de 2020 fez com que os professores tivessem que adaptar o seu trabalho ao ensino remoto emergencial. O que poderia explicar o número de disciplinas ofertadas durante o período investigado.

Gráfico 1: Disciplinas remotas que o docente ministrou desde o início da pandemia.



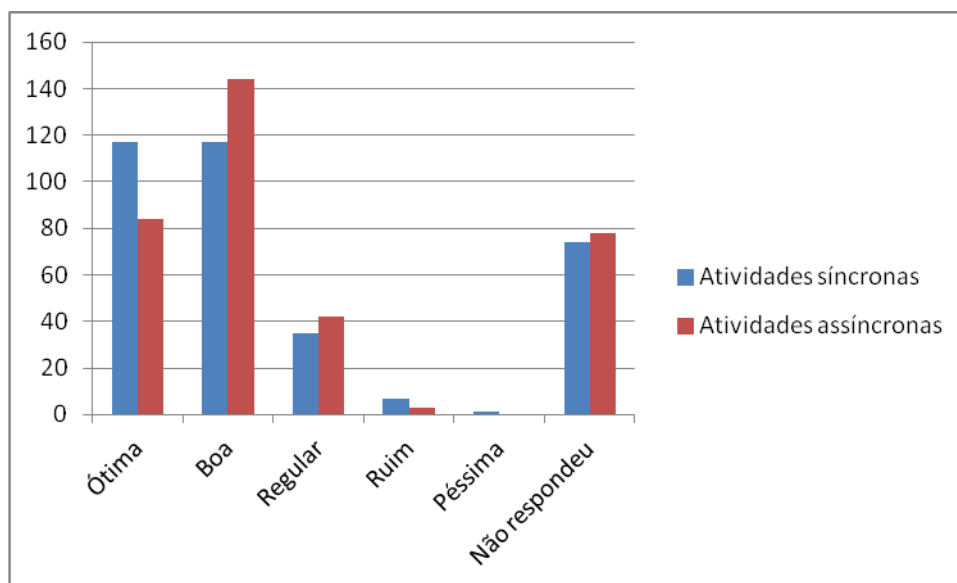
Fonte: dados da pesquisa desenvolvida pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFG em novembro de 2020

Analisando o gráfico acima, constata-se que a metade dos docentes que atuam na pós-graduação não lecionou disciplinas e 40% ministrou apenas uma disciplina durante o primeiro ano de pandemia de Covid-19 no Brasil. Sete por cento (7%) dos entrevistados declararam ter ministrado duas disciplinas e apenas três por cento (3%) três disciplinas. O dado obtido de que a maioria dos professores não ministrou disciplina na pós-graduação e os valores apontados no gráfico refletem a dificuldade enfrentada pelos docentes em ministrar aulas no período de isolamento social. Vale lembrar que os dados obtidos são de novembro de 2020 e que muitas aulas foram suspensas no início da pandemia, devido ao processo de adaptação às novas tecnologias.

Ao serem questionados sobre a participação dos pós-graduandos nas aulas síncronas e nas atividades assíncronas, os docentes da UFG declararam que o envolvimento dos discentes atingiu níveis satisfatórios (sendo considerado ótimo ou bom). No entanto, afirmam que a participação se torna maior e mais intensa nas atividades que ocorrem em tempo real, ou seja, a participação se torna mais efetiva (sendo considerada ótima) principalmente em momentos nos quais o docente interage com seus alunos de forma simultânea em encontros no *Google Meet*, discussões no *chat* etc. Honorato e Borges (2022) apontam que durante o

isolamento social, muitos estudantes e docentes tiveram seu tempo comprometido por outras atividades domésticas (cuidados com crianças e idosos, preparações de refeições etc). No entanto, apenas uma pequena parcela dos professores investigados se queixou sobre a baixa participação dos discentes, ver gráfico abaixo:

Gráfico 2: Participação dos alunos nas atividades síncronas e assíncronas

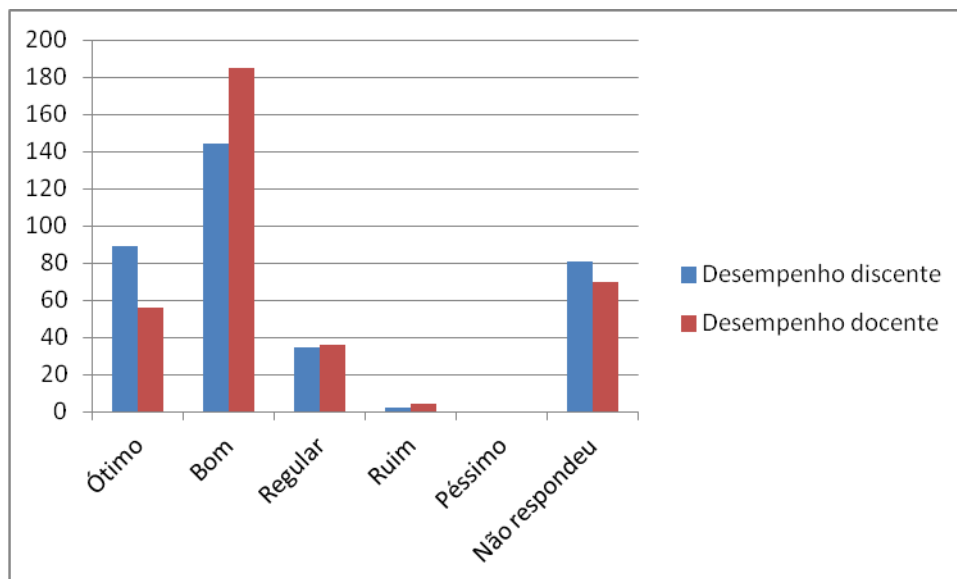


Fonte: dados da pesquisa desenvolvida pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFG em novembro de 2020

Analisando o gráfico 2, constata-se que a quantidade de professores que não responderam a pergunta do formulário relacionada à participação dos discentes em momentos síncronos e assíncronos é significativa. Temos como hipótese de que esse dado demonstra a dificuldade de reflexões conclusivas por parte dos professores diante de um contexto educacional novo ou então se refere a parcela de professores que não tiveram a oportunidade de ministrar aulas na pós-graduação no formato remoto. A proporção de professores que não responderam a pergunta é de 21,08% em relação às atividades síncronas e de 22,22% para as atividades assíncronas.

Ao serem convidados à refletirem acerca da sua própria atuação e avaliarem o desempenho dos discentes durante a pandemia de Covid 19, os docentes investigados relataram resultados positivos obtidos por intermédio do ensino remoto emergencial.

Gráfico 3: Desempenho docente ao ministrar aulas remotamente e dos seus alunos nas disciplinas.



Fonte: dados da pesquisa desenvolvida pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFG em novembro de 2020

Por intermédio do gráfico 3, observa-se que apenas uma irrisória parcela dos professores alegou que os desempenhos obtidos no formato remoto foram ruins. A maioria dos professores investigados (52,71%) manifestou que o desempenho obtido por eles foi bom no ano de 2020, enquanto 15,95% declararam ser ótimo. Resultado esse que precisa ser confrontado com a avaliação que os docentes fizeram acerca do desempenho que seus alunos tiveram no ensino remoto emergencial (ERE): 25,36% dos investigados apontaram que o desempenho dos discentes alcançou níveis máximos de excelência. Uma hipótese plausível é a de que o uso das novas tecnologias e a adoção de um novo formato de ensino tenha sido um desafio maior para os professores da pós-graduação do que para seus alunos durante o ano de 2020. No entanto, será necessário novos estudos para corroborarmos tal pressuposição.

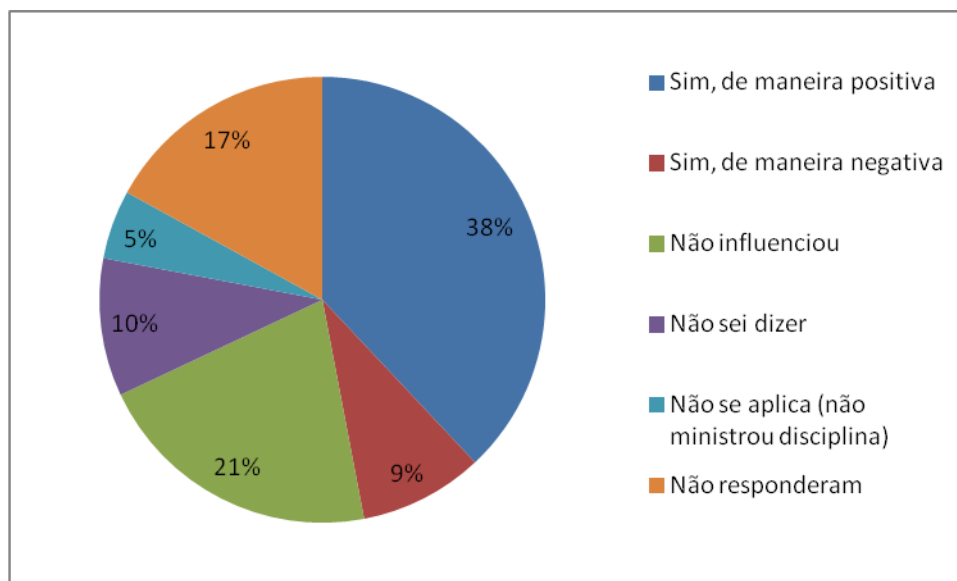
Ao investigar a atuação docente nos programas de pós-graduação no Brasil, um fato que chama atenção é que desde antes da pandemia de Covid-19, inúmeras pesquisas² já apontavam alterações comportamentais e o adoecer docente. No entanto, segundo Pachiega e Milani (2020) a situação se agravou a partir de 11 de março, quando a Organização Mundial de Saúde - OMS (2020) anunciou oficialmente que o novo coronavírus

² Ver pesquisas como as de Andrade e Cardoso (2012), Diehl e Marin (2016), Tostes et al. (2018)

foi caracterizado como uma pandemia e os docentes tiveram que enfrentar obstáculos a sua atuação como: novas metas e prazos; pressões relacionadas ao uso das novas tecnologias; perda e problemas familiares etc. Todo esse cenário acabou provocando o adoecimento dos professores, crises de ansiedade, depressão, estresse, esgotamento mental e profissional, sentimento de solidão etc.

A necessidade de isolamento social durante o período da pandemia de Covid-19 ocasionou uma série de problemas no campo do ensino e o adoecimento psíquico dos sujeitos escolares. Apesar da impossibilidade do encontro presencial, a maioria³ dos docentes que participou desta pesquisa declarou que a interação com seus alunos no decorrer das disciplinas ofertadas em 2020 foram realizadas com sucesso. Por sua vez, concerne a presente pesquisa investigar como a interação professor e aluno durante o isolamento social influenciou no estado emocional dos docentes da pós-graduação. Ver gráfico abaixo:

Gráfico 4: Sua interação com os(as) aluno(a)s na(s) disciplina(s) influenciou seu estado emocional neste período de isolamento social?



Fonte: dados da pesquisa desenvolvida pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFG em novembro de 2020

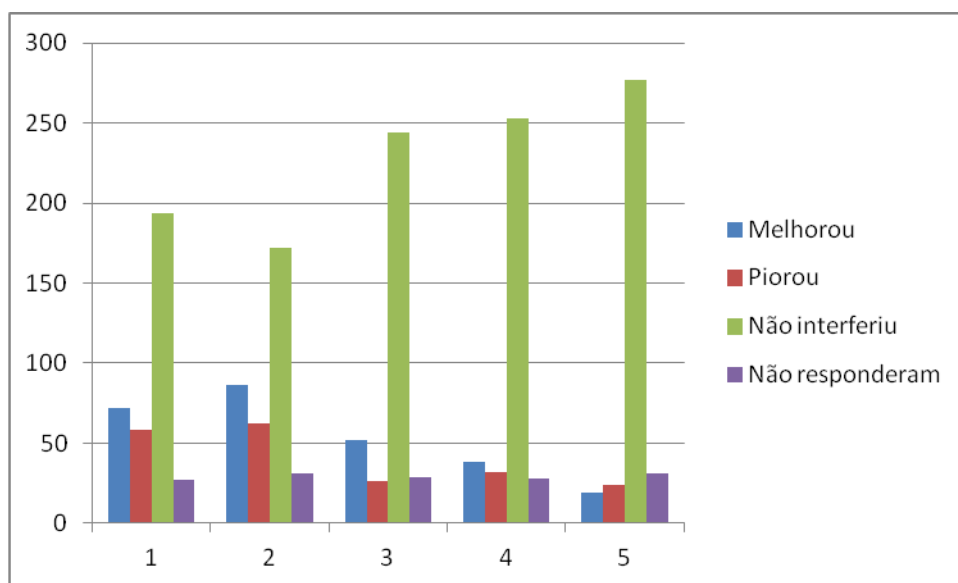
Analisando o gráfico 4, é possível corroborar que uma parcela significativa dos docentes consultados declarou que a interação com os discentes durante a disciplina influenciou de maneira positiva o seu estado emocional. Por sua vez, 9

³ Aproximadamente 70 por cento declararam que a interação foi boa ou ótima. 10 por cento alegaram ser regular ou ruim; e aproximadamente 20 por cento não responderam.

por cento dos entrevistados declararam que a influência foi negativa, enquanto 21 por cento falaram que não houve influência. Uma hipótese plausível de ser investigada é a de que a interação entre os sujeitos escolares possibilitou certa sensação de união/acolhimento e que a compreensão acerca das dificuldades vivenciadas pelos discentes influenciou o estado emocional de parcela significativa dos docentes que vivenciaram de forma empática tais agruras.

Por outro lado, quando os docentes foram questionados sobre como a comunicação por meios de ferramentas digitais modificou sua interação com seus orientandos (1), grupos de pesquisa (2), com a coordenação (3), a secretaria (4) e/ou com pró-reitoria de pós-graduação (5), os dados demonstram que não houve uma interferência significativa.

Gráfico 5: Como a comunicação por meios de ferramentas digitais modificou sua interação



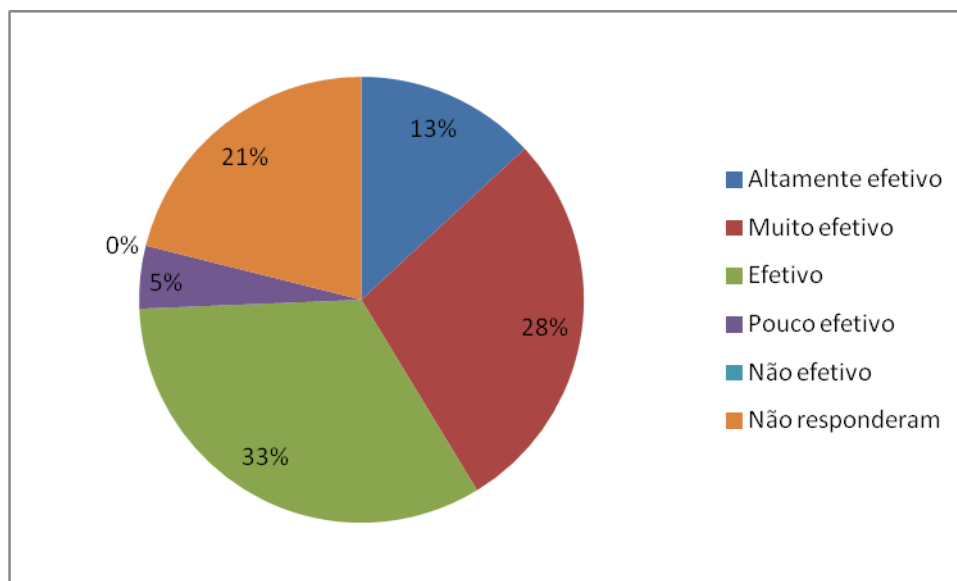
Fonte: dados da pesquisa desenvolvida pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFG em novembro de 2020

Observa-se que a proporção de professores que apontaram que a comunicação por meio de ferramentas digitais melhorou ou piorou é muito inferior do que aqueles que afirmaram não ter passado por nenhuma interferência na interação.

No que concerne ao grau de importância do Ensino remoto Emergencial, 82,62% dos professores investigados declararam reconhecê-lo como relevante; por

sua vez 3,3 % não o consideraram importante; e 14,25 % não responderam ou não quiseram opinar. Além do Ensino Remoto Emergencial ser considerado relevante, na opinião da maioria dos docentes vinculados aos programas de pós-graduação da UFG, essa modalidade também se demonstrou efetiva conforme se pode atestar pelo gráfico a seguir:

Gráfico 6: Indique o grau de efetividade das disciplinas remotas que ministrou, contexto de pandemia



Fonte: dados da pesquisa desenvolvida pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFG em novembro de 2020

Diante dos dados apresentados até o presente momento, a aprovação da adoção do Ensino Remoto Emergencial durante o período de Pandemia de Covid-19 se apresenta como notória na opinião dos docentes sondados. Tais resultados também podem ser corroborados ao se analisar o nível de contentamento dos sujeitos participantes desta pesquisa: ao serem questionados sobre o grau de satisfação em relação ao Ensino Remoto Emergencial, 60,11% declararam se sentirem satisfeitos; 15,95% apontaram que o grau de satisfação é regular; 3,99% demonstraram insatisfação; enquanto 19,94% não responderam ou não quiseram opinar. Embora tenha exercido papel primordial durante o período de isolamento social, Honorato e Borges (2022) identificam os impactos que o ensino remoto emergencial teve nas universidades brasileiras. Segundo os autores, houve percepção de que a qualidade do ensino e o desempenho discente caíram. Além

disso, ocorreu a diminuição do número de concluintes nas universidades públicas e por sua vez o crescimento das matrículas em cursos de Ensino a Distância (EAD) de instituições privadas.

3 TAREFAS DOS DOCENTES EM TEMPOS DE PANDEMIA:

Em seus estudos, Brancher e Oliveira (2018) destacam que muitas vezes os professores que atuam na pós-graduação se indagam pela falta de tempo para realizar leituras e estudos que eles gostariam de fazer. A demanda por projetos, participação em bancas de qualificação e/ou em defesas de mestrado e doutorado consomem o tempo que poderia ser dedicado a literatura ou textos da sua área de atuação.

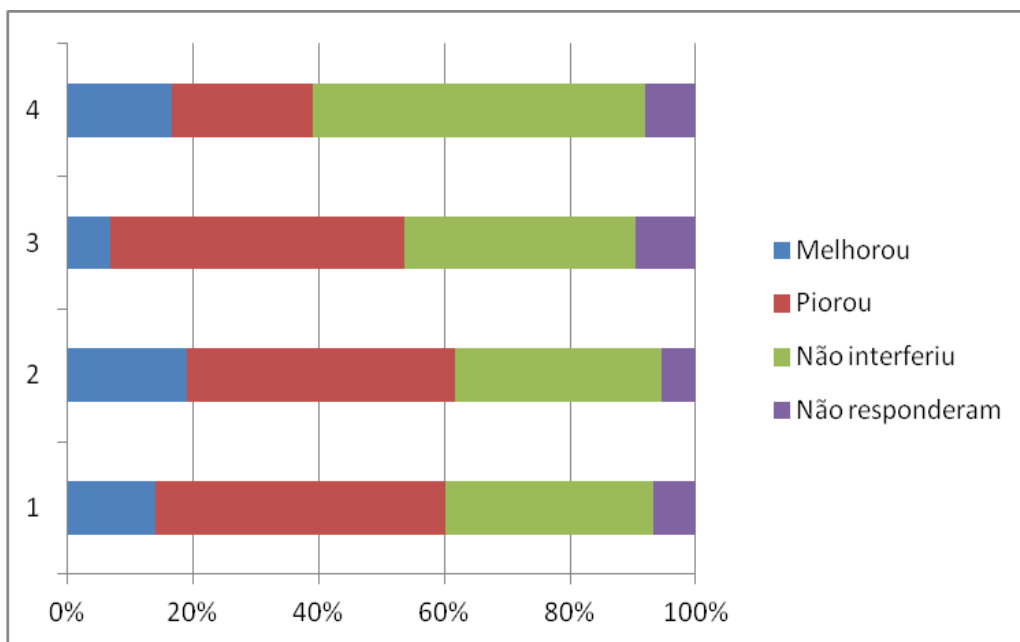
Pode-se deduzir, assim, que a quantidade de tarefas que os programas de pós-graduação têm gerado aos docentes, faz com que não possam mais escolher o que querem ou não estudar. Então, primeiro precisam dar conta das obrigações para com seu programa, depois, se conseguirem podem realizar atividades outras. Ao que parece, dessa forma, fica difícil encontrarem dispositivos de formação, que não estejam no próprio PPG, ou que não se encontre nesses lugares que o PPG lhes proporciona estar. Assim, do mesmo modo que se percebe que o grande dispositivo de formação de professores, para esses docentes, é o próprio programa em si, com todas as suas atividades e fazeres, esse mesmo programa não permite ao professor, ou permite de forma bastante delicada, que acionem dispositivos de formação que venham de outros contextos (Brancher e Oliveira, 2018, p.8).

Entre as inúmeras atividades exercidas pelos professores que atuam na pós-graduação, podemos destacar a busca por financiamento das suas pesquisas; atividades de ensino; pesquisa, escrita e publicação de artigos; serviços de coordenação, reuniões, orientações, etc. Segundo Veiga (2011), nos últimos anos, tem se ampliado consideravelmente os serviços realizados pelos docentes que atuam no ensino superior e que cada vez mais passam a exercer inúmeras funções que ultrapassam as atividades da sala de aula. O mesmo ocorre dentro dos Programas de Pós-Graduação, de acordo com Bianchetti e Machado (2006), os professores têm vivido uma imensa pressão em relação à exigência de produções (livros, artigos, ensaios, orientações). Brancher e Oliveira (2018, p. 6) apontam que a postura dos professores é reflexo das políticas públicas que super valorizam as pesquisas científicas em detrimento de outras atividades e fazeres docentes, dessa

forma, visando assegurar os interesses dos programas de pós-graduação e atender as exigências de produtividade algumas ações são priorizadas.

Em relação aos dados investigados nesta pesquisa, analisando de forma crítica e contrapondo as respostas obtidas através do formulário aplicado aos docentes da pós-graduação da UFG, constata-se que o ERE atende de forma satisfatória especificamente as demandas que surgiram devido ao cenário de Pandemia de Covid-19. Na opinião da maioria dos sujeitos investigados por esta pesquisa, a adoção das novas tecnologias durante o período de isolamento social modificou para pior as atividades de ensino (1), pesquisa (2) e extensão (3). Em relação as atividades administrativas (4), os dados apontam que não houveram modificações profundas. Ver gráfico a seguir:

Gráfico 7: Como a pandemia modificou o ensino (1), pesquisa (2), extensão (3) e as atividades administrativas (4).



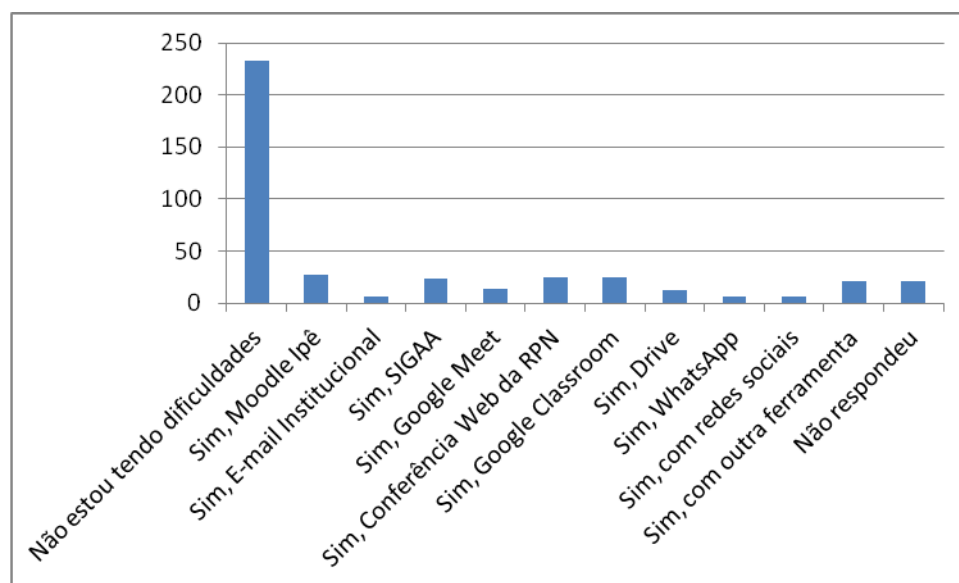
Fonte: dados da pesquisa desenvolvida pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFG em novembro de 2020

Analisando o gráfico acima, constata-se que as atividades de extensão foram as mais prejudicadas, em seguida aparecem as atividades de ensino.

4 O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Defronte o atual cenário mundial, os docentes da pós-graduação se viram perante o desafio de ministrar aulas e orientar seus alunos no formato remoto. Honorato e Borges (2022) destacam que após a pandemia ser decretada não houve muito tempo para a elaboração de programas pedagógico-didáticos de adaptação do ensino presencial para o ensino mediado por ferramentas digitais. Além disso, muitos professores e estudantes não estavam acostumados a usar determinadas ferramentas tecnológicas. Uma das questões norteadoras desta pesquisa é compreender os níveis de dificuldades que os sujeitos investigados tiveram em relação ao uso das Tecnologias Digitais de informação (TDICs). Ao serem convidados a refletirem sobre as plataformas e ferramentas educacionais adotadas no ano de 2020, a maioria declarou ausência de dificuldades. Depreende-se pelo gráfico abaixo.

Gráfico 8: Dificuldade com a utilização das TDICs



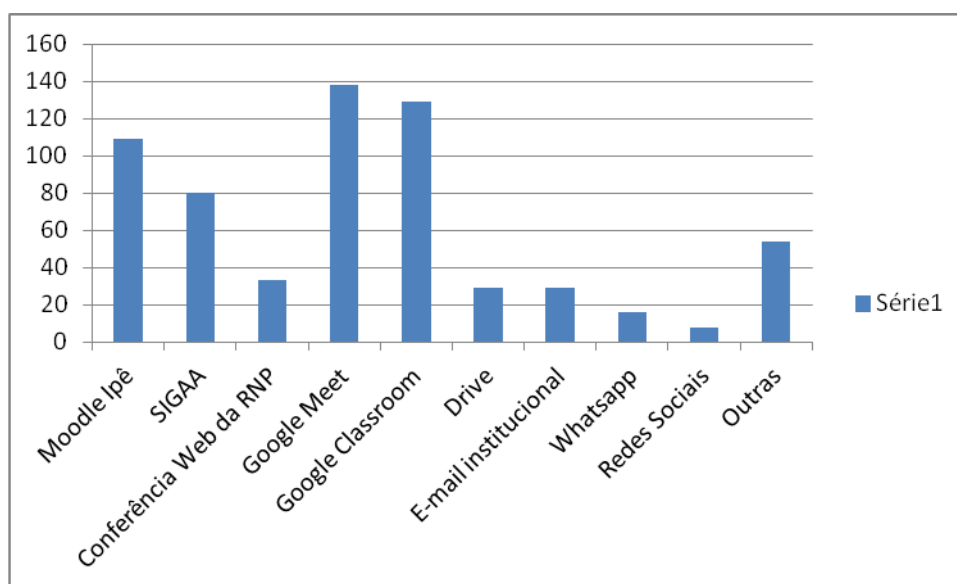
Fonte: dados da pesquisa desenvolvida pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFG em novembro de 2020

Relevante destacar que alguns docentes declararam ter tido dificuldade com o Moodle Ipê; Conferência Web da RPN, Google Classroom, SIGAA etc. Em contrapartida, as ferramentas que eles tiveram menos dificuldades foram

aquelas que eles já lidavam antes da pandemia (e-mail institucional, WhatsApp e as redes sociais).

Perante as dificuldades mencionadas anteriormente pelos 351 educadores que constituem o universo desta investigação, constata-se que uma quantidade significativa deles recorreram aos cursos de capacitação para o uso das TDICs ofertados pela UFG e por outras entidades. Entre os cursos mais procurados estavam respectivamente os destinados ao aprendizado do uso de plataformas de ensino como: Google Meet, Google Classroom, Moodle Ipê e o SIGAA.

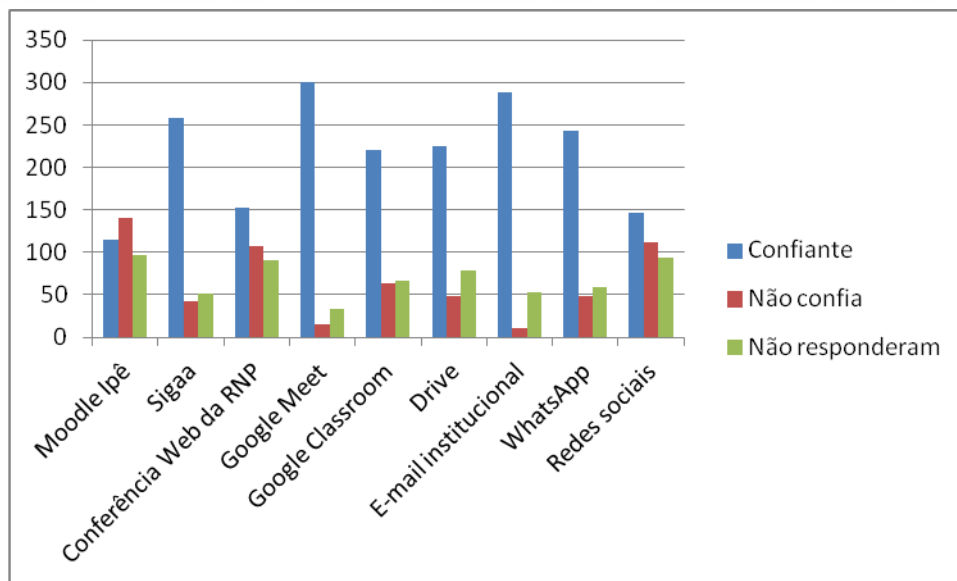
Gráfico 9: Realizou algum curso de capacitação



Fonte: dados da pesquisa desenvolvida pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFG em novembro de 2020

Os dados apresentados até o presente momento demonstram certa preocupação e insegurança de parcela dos professores em relação ao uso das TDICs. Diante desse conjunto de possibilidades pedagógicas, interessou-nos investigar também qual o nível de confiabilidade que cada ferramenta ou plataforma possui na opinião dos participantes deste estudo. Desvela o gráfico abaixo:

Gráfico 10: Grau de confiança nas ferramentas



Fonte: dados da pesquisa desenvolvida pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFG em novembro de 2020

Conforme é possível constatar pelos dados acima, as ferramentas ou plataformas que transmitiram maior confiança nos docentes durante o ano de 2020 foram o Google Meet; o e-mail institucional; o SIGAA; o drive; e o Google Classroom. Por sua vez, as que foram apontadas como as menos confiáveis foram: o Moodle Ipê, as Redes Sociais e a Conferência Web da RNP. O uso das novas tecnologias em sala de aula tem contribuído para o processo de ensino e aprendizagem. A demanda por cursos de formação específica se tornaram crescentes durante a pandemia de Covid-19. Logo, constata-se que o período da Covid-19 foi um momento de profunda preparação dos docentes para a capacitação ao uso das novas tecnologias.

5 CONCLUSÃO

O período da Pandemia de Covid-19 nos mostrou as desigualdades profundas existentes na educação brasileira. Tornou-se visível que grande parte dos estudantes universitários brasileiros não possuíam e ainda hoje não possuem acesso à internet ou a computadores para acompanharem as aulas remotas. Ao nos depararmos com os dados obtidos através da avaliação realizada pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFG sobre a situação do ensino remoto emergencial e seu

impacto na pós-graduação, novos questionamentos e possibilidades se manifestam. Em um processo de reflexão sobre o atual cenário do ensino superior no Brasil, os professores vinculados aos cursos de especialização, mestrado e doutorado da UFG apontaram como principais pontos positivos do ERE: a facilidade em se realizar reuniões; o menor tempo despendido no trânsito; a redução dos custos com deslocamento e alimentação que o ensino presencial exige; a possibilidade de aprendizado sobre o uso de novas ferramentas; a maior flexibilidade de horário; e a possibilidade de participação em um número maior de palestras e seminários. Além disso, alguns docentes também apontaram para as vantagens do aumento de tempo em que eles passaram a ter com os membros de suas famílias; uma maior comodidade e conforto ao trabalhar; maior qualidade de vida e menos distrações durante os horários destinados à realização das tarefas.

Por outro lado, ao serem convidados a identificarem os pontos negativos do ERE, os docentes destacaram: a insegurança diante da possibilidade de perda de conexão de internet ou de falha de equipamento durante as atividades síncronas; reclamaram da falta de interação com os colegas; do aumento da carga de trabalho; da falta de interação presencial com os seus alunos, da necessidade de equipamentos como computadores, microfones, câmeras, fones de ouvido e da indispensabilidade do acesso à internet. Alguns docentes também alertaram para o quanto é prejudicial o ensino remoto para a saúde mental; sobre o quanto essa modalidade exige disciplina, organização e a realização de cursos de capacitação para suprir as dificuldades no uso das TDICs. Por fim, alguns professores também declararam receio do aumento no nível de dificuldade de suas disciplinas.

Em relação ao apoio institucional necessário, as demandas que apareceram nas respostas obtidas pelo formulário da pesquisa se direcionaram para a necessidade de auxílio na produção de conteúdos; na oferta de cursos de capacitação pedagógica e técnica; e na solicitação de acesso aos equipamentos tecnológicos e à internet. Além disso, diante do exposto, torna-se necessário o fortalecimento das políticas de assistência e permanência estudantil por parte do MEC e das Instituições de Ensino Superior. No ano de 2021, houve a retomada das atividades presenciais e o abandono do projeto de se adotar o ensino híbrido nas universidades federais. No entanto, as novas tecnologias se tornaram presentes no cotidiano dos professores da pós-graduação: bancas de qualificação de mestrado e doutorado, reuniões de docentes e atividades de ensino continuam a serem realizadas nas universidades brasileiras.

EVALUATION OF EMERGENCY REMOTE TEACHING BY POSTGRADUATE TEACHERS FROM THE FEDERAL UNIVERSITY OF GOIÁS

The present research aims to investigate the opinion of professors who worked in postgraduate programs at the Federal University of Goiás in 2020 regarding the work carried out by them in the emergency remote teaching modality, during the first year of the Covid-19 Pandemic. The data obtained by this research originated from the evaluation carried out in November 2020 by the UFG Dean of Postgraduate Studies, which aimed to analyze the situation of emergency remote teaching (ERE) and its impact on postgraduate studies. After analyzing the data, it was found that although remote teaching has clearly demonstrated the deep inequalities that exist in Brazilian education, in the moment of social isolation that we are experiencing, ERE has become an option approved by the majority of teachers investigated. Furthermore, it was found that, in relation to the use of Digital Information Technologies (TDICs), it was a time of increased demand for training courses to use new technologies and that teachers had fewer difficulties with the tools they already had were dealing with before the pandemic.

Keywords: Emergency Remote Teaching. Teaching in Higher Education. Postgraduate studies.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Patrícia Santos de; CARDOSO, Telma Abdalla de Oliveira. Prazer e dor na docência: revisão bibliográfica sobre a Síndrome de Burnout. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 129-140, Mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21n1/13.pdf>. Acesso em: 03 Set. 2020.

ARAUJO, S. M. El desarrollo del curriculum universitario en tiempos de COVID19: oportunidad y contrariedad. **Trayectorias Universitarias**, v. 6, n. 10, p. 027, 20 ago. 2020.

BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. ATUAÇÃO DOCENTE NA PÓS-GRADUAÇÃO: REPRESENTAÇÕES E AÇÕES DOS PROFESSORES, X CIDU - **Congresso Ibero-Americano de Docência Universitária**, 2018.

BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Orgs.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações**. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006.

DIEHL, Liciane; MARIN, Angela Helena. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 64-85, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v7n2/a05.pdf>. Acesso em: 04 set. 2020.

HONORATO, Gabriela de Souza; BORGES, Eduardo Henrique Narciso: Impactos da Pandemia da Covid-19 para o ensino superior no Brasil e experiências docentes e discentes com o ensino remoto. **Revista Desigualdade & Diversidade. D&D** [n . 2 2 | 2022 | pp. 137- 179.

LEMOS, Denise. Trabalho docente nas universidades federais: tensões e contradições. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 105-120, 2011

MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira; SILVA, Simeia Araújo; PAULA Leandro Silva de. Formação docente e interdisciplinaridade em tempos de pandemia Covid-19. **Dialogia**, São Paulo, n. 38, p. 1-15, e18912, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/38.2021.18912>.

PACHIEGA, Michel Douglas; MILANI, Débora Raquel da Costa. Pandemia, as reinvenções educacionais e o mal-estar docente: uma contribuição sob a ótica psicanalítica. **Dialogia**, São Paulo, n. 36, p. 220-234, set./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/dialogia.n36.18323>.

VEIGA ,I. P. A. A docência na Educação Superior e as didáticas especiais: campos em construção. IN: BOLZAN, D. P. V. et all. Dossiê: **Docência na Educação Superior. Educação. Revista do Centro de Educação**, 2011. Disponível em <<http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=117121313001>>. Acesso em 17 jul 2012.

TOSTES, Maiza Vaz et al. Sofrimento mental de professores do ensino público. **Saúde em debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 116, p. 87-99, Jan. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v42n116/0103-1104-sdeb-42-116-0087.pdf> . Acesso em: 04 Set. 2020.